

# “Identificar transtorno de **aprendizagem** é desafio”

DIVULGAÇÃO

**A** maioria dos professores não recebe formação durante a licenciatura para identificar os transtornos de aprendizagem do aluno. Essa dificuldade pode gerar sofrimento para o aluno, o próprio docente e até parte da turma. Nesta entrevista, a professora Nádia Bossa, neuropsicóloga e doutora em Psicologia e Educação, fala dos principais problemas e detalha alguns dos transtornos mais comuns aos quais os docentes se deparam nas salas de aula, como a dislexia e a disgrafia. Ela cita a necessidade de o professor identificar se a dificuldade do aluno decorre de falta de atenção ou de algum transtorno que tenha relação neurológica ou motora. Nádia ressalta a necessidade de o Governo investir em formação específica para os professores.

## **Quais as dificuldades dos professores para identificar os estudantes que enfrentam algum transtorno de aprendizagem?**

Quase 100% dos professores não encontram nas formações, durante os cursos de graduação, subsídios para identificar os transtornos de aprendizagem. Isso não faz parte do conteúdo programático das licenciaturas, que tratam apenas do processo de aprendizagem padrão, sem a intercorrência dos casos específicos. O professor não está habilitado porque sua formação não contempla isso.

## **Que tipo de problemas o docente e o aluno podem enfrentar ao não conseguir identificar esses transtornos?**

A mudança na legislação traz a questão da inclusão, e passar por formações para atender a esses alunos torna-se cada vez mais necessário à medida que o professor passa por um número ainda maior de situações problemáticas. Como essa formação ainda não está contemplada no currículo do docente, torna-se necessário que o Governo ou instituição de ensino ofereça essa complementação. O professor precisa ter uma atuação diferenciada com o aluno que apresenta dificuldades

na escrita e aprendizagem em geral.

## **De que forma o professor poderia intervir após diagnosticar os problemas?**

Depois de diagnosticada, ele precisa avaliar de que forma trabalhar com determinada problemática. Diante de problemas com escrita, como dislexia, o professor poderá atuar de forma diferenciada e com uma formação poderá identificar se, muitas vezes, o problema decorre de fatores pedagógicos, sendo necessária então alteração na metodologia de ensino. Isso evitaria um sofrimento tão grande para o aluno, o próprio professor e o restante da turma. Às vezes, numa sala com 30 alunos, o professor tem cerca de 5 com algum tipo de transtorno e se ele não sabe o que fazer pode resultar em prejuízos para toda a sala de aula.

## **Tem como descrever alguns dos transtornos mais comuns?**

No caso de problemas com a escrita, o estudante pode estar enfrentando uma dislexia, por exemplo. Neste tipo de situação é padrão que ele troque as letras utilizadas para formação de determinada palavra. Isso também não tem uma regularidade, pois

para cada palavra que escreve ele usará um grupo diferente de letras. Isso se justifica porque o aluno tem uma alteração neurológica, que o leva a não estabelecer uma relação entre o símbolo da letra e o som correspondente, fazendo a utilização de forma diferenciada. No caso da disgrafia, a dificuldade é motora e prejudica a qualidade da grafia. Os erros gráficos afetam a construção da palavra mais do que a compreensão. As trocas ocorrem no momento da confecção da letra ou trocando letras parecidas, como o m pelo n. O aspecto é motor e não cognitivo.

## **Quais os outros problemas mais comuns?**

Muitas dificuldades podem decorrer dos transtornos de aprendizagem ou do déficit de atenção e o professor precisa desse diagnóstico. Em alguns casos, a falha ou inversão das letras com sons semelhantes, como ss e ç, pode ocorrer por conta da falta de atenção. Pode ser um problema pedagógico porque determinada metodologia não está de acordo com o estilo cognitivo do aluno.

## **O professor precisa de apoio para intervir?**



Em todos os casos de dificuldades do aluno, ele precisa intervir, mas, muitas vezes, se faz necessário o acompanhamento de um profissional de outra área para atuar paralelamente com apoio psicológico ou neurológico, por exemplo.

## **No decorrer do seu trabalho já conheceu casos de jovens que sofreram por esses transtornos?**

No curso que ministro sobre o assunto, procuro citar vários exemplos para que o professor tenha mais possibilidades de identificar a situação que está passando. Há um depoimento que impressiona bastante de um paciente que só foi diagnosticado com dislexia quando já estava na faculdade. Ele passou por traumas e humilhações na trajetória escolar e chegou a pensar em suicídio porque não conseguia escrever corretamente

e não compreendia por que tinha essa dificuldade. Em alguns casos, até mesmo o professor se culpa, pois não consegue compreender por que o estudante não está aprendendo. Isso também pode gerar uma frustração no profissional.

## **Como os professores podem buscar o curso que trata dos transtornos de aprendizagem?**

São oito módulos, cada um com cinquenta horas e o curso pode ser feito a distância. Abordamos assuntos como a dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia e TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). O professor pode enviar informações sobre algum caso específico e tirar dúvidas de como agir. O curso já está no ar há dois meses. Mais informações no site: [www.attamidia.com.br/ead-transtornos.php](http://www.attamidia.com.br/ead-transtornos.php)